
A CORRESPONDÊNCIA DE CHELAS DA MARQUESA DE ALORNA

CLARA ROCHA

Do enorme acervo que constitui a epistolografia da "Stael portuguesa", como lhe chamou Herculano, só uma pequena parte é conhecida, graças às publicações do Marquês de Ávila e Bolama¹, de Maria Amália Vaz de Carvalho², de Hernâni Cidade³, de Maria Emília Donas Botto⁴ e de Andréa Rocha⁵. Decorridos mais de cinquenta anos sobre a edição dos *Inéditos* prefaciada por Hernâni Cidade, está finalmente em curso a edição crítica da obra de Alcipe, a cargo de uma equipa coordenada pelo Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro e de que fazem parte o actual Marquês de Fronteira, Dr. Fernando Mascarenhas, e as Prof^{as} Doutoras Maria Manuela Delille e Teresa Almeida. Gostaria de agradecer a esta equipa a gentileza com que me facultou a consulta das cartas da jovem Alorna pertencentes à colecção do Palácio Fronteira, permitindo-me desse modo partilhar o alvoroço da leitura dos inéditos. O presente texto ocupa-se dessas cartas, incidindo em particular sobre o conjunto das que Alcipe escreveu ao pai durante a clausura de Chelas.

Nascida em 1750, D. Leonor de Almeida Portugal cedo conheceu o infortúnio. No rescaldo do atentado de 1758 contra D. José, imputado aos jesuítas e à casa dos Távoras, foram condenados e cruelmente executados vários fidalgos acusados de envolvimento na acção conspirativa. Por ordem do Marquês de Pombal, a filha dos Marqueses de Távora foi enclausurada no Convento de Chelas com as suas filhas D. Leonor e D. Maria de Almeida, tendo aí permanecido durante dezanove anos, de 1758 a 1777, data da queda de Pombal. O Marquês de Alorna, D. João de Almeida Portugal, foi também preso, primeiro na Torre de Belém e depois no Forte da Junqueira.

Separada do pai aos oito anos, enfermeira da mãe, que o desgosto e as doenças mortificam, esteio da irmã, a quem admira a beleza e a graça, Alcipe ficaria entregue a si mesma

**A CORRESPONDÊNCIA DE CHELAS DA MARQUESA
DE ALORNA**

se não fosse o cuidado paterno, que apesar de todos os impedimentos se encarrega de orientar a sua educação. Nas cartas que amorosamente escreve à filha, D. João de Almeida aconselha-a nos seus estudos, recomenda-lhe ou proíbe-lhe leituras, corrige-lhe os exercícios poéticos, incute-lhe valores morais, anseia por fazer dela um espírito superior.

76

Alcipe escreve também longamente, para responder às cartas do pai, mas sobretudo para lhes corresponder, ou seja, para corresponder às expectativas do seu interlocutor e mestre. Responder torna-se então sinónimo de corresponder, estar à altura, não desapontar a confiança do Outro. Protestando-lhe a cada passo a sua submissão, respeito e amor, D. Leonor diligentemente reporta ao pai a sua aprendizagem de si e do mundo. O seu brio de discípula fá-la apurar o conteúdo e a qualidade literária de cada missiva, e recria-se quando, por falta de tempo ou de disposição, alguma lhe sai menos elaborada: "Li esta carta. A maior parte está miserável e quase indigna de ir; porém V. Ex^a assim mesmo a quer e enfadar-se-ia mais que eu a copiasse"⁶.

No que diz respeito à aprendizagem de si, as cartas da jovem Alorna são, na melhor tradição epistolográfica, um meio de autoconhecimento. A apropriação do eu faz-se, antes de mais, pelo olhar introspectivo, sempre no intuito de dar a conhecer ao pai os traços de um carácter em formação. Assim, D. Leonor descreve o seu modo de ser ora risonho ora mal-humorado (numa missiva queixa-se ela da sua péssima disposição, que atribui à monotonia da vida conventual), ora paciente ora inconformado, ora pragmático ora idealista, ora discreto ora extravagante, ora reservado ora capaz de todos os arrebatamentos. Alguns esboços psicológicos especialmente penetrantes - como aquele em que exprime a sua ânsia de absoluto, confessando que não gosta senão daquilo que não pode ter⁷ - vão compondo o *puzzle* dum auto-retrato cujo fragmentarismo não prejudica a nitidez dos contornos. Empenha-se, sobretudo, em mostrar toda a coragem no meio da adversidade, com insólitas metáforas da sua constância: "(...) e como fomos nutridas com veneno uma porção mais dele não nos prejudica"⁸. Mas não são menos impressionantes os momentos em que, pelo contrário, tenta dar formulação à sua melancolia e às suas queixas nervosas. Espanta-se, por exemplo, como "num só dia muda a gente de carácter vinte vezes"⁹, mas faz pouco caso dos conselhos do médico, que prognostica "mau génio, e doenças" se ela teimar em escolher assuntos melancólicos para os seus versos¹⁰.

Em diversos passos fala Alcipe dos seus tentames literários. Comenta as suas preferências em matéria de géneros, teoriza sobre alguns deles, alude aos modelos e reconhece a necessidade de se libertar de algumas influências, pondera os seus dons e as suas limitações, num exercício autocrítico indispensável à formação de uma personalidade literária. Numa carta inédita do Palácio Fronteira, vemo-la arguir em defesa do verso solto, que o gosto tradicionalista do pai não aprova, mas que a ela lhe parece mais dúctil e mais capaz de traduzir os movimentos da alma.

Nestes escritos deixa também a jovem Alcipe gravada a consciência do seu estatuto de mulher de letras. É ainda uma forma de autognose o modo como assume uma identidade feminina que por vezes lhe traz contratemplos, mas de que não aceita a secundarização. Decidida a pedir licença à Mesa Censória para obter alguns livros proibidos (recorde-se que o Marquês de Pombal recomendara a proscrição das obras de Spinoza, Hobbes, Locke, e dos contemporâneos Rousseau, Diderot, Voltaire e La Mettrie), D. Leonor pede a um religioso que se encarregue da diligência. Em vão: depois de a fazer esperar longo tempo, o frade faz-lhe notar que "nenhuma senhora intentara coisa semelhante, e que a mesa censória (...) não dava aquela licença a mulheres"¹¹. Imagine-se a reacção afrontada da nossa estudiosa, cujo sonho é vir um dia a ser doutora, e que nos seus devaneios de reclusa acalenta o projecto de criar uma Academia de mulheres sábias, com prémios literários como os há em França, para distinguir as melhores criações de autoria feminina. Não esqueçamos que em Portugal as academias tiveram grande voga desde o século XVII, a avaliar pela proliferação de agremiações como a *Morada das Musas*, o *Parnaso de Apolo*, a *Mina das Melhores Jóias*, a *Palestra de Científicos Argumentos*, a *Liga de Discretas Disputas* e a *Academia dos Generosos*, esta última presidida por D. Francisco Manuel de Melo. Eram sociedades literárias destinadas a promover serões de leituras poéticas, ao gosto gongórico da época. O século XVIII reciclou, por assim dizer, estas instituições, dando-lhes um cunho pedagógico e doutrinário, em viva oposição ao formalismo seicentista. É esse mesmo propósito educativo que anima Alcipe quando projecta a sua própria Academia poética e científica, na qual brilhariam algumas das suas amigas letradas, para glória do seu sexo e da sua pátria¹².

A consciência e o orgulho da condição feminina são uma constante na correspondência da Marquesa de Alorna, desde a primeira juventude até à idade avançada. Já viúva, em plena

fase das suas andanças conspirativas contra Napoleão, escreve uma carta ao Príncipe Regente em que aponta o exemplo das grandes figuras femininas da História para justificar o seu ardor combativo: "E para desculpar a minha ousadia, a História Portuguesa apresenta-me modelos de mulheres, às quais eu não quero ser inferior. Fora disto, Senhor, uma mulher salvou a França em outro tempo; deixe que mais uma mulher salve Portugal. Enfim, senhor, se parece temeridade falar deste modo, muito maior temeridade seria o silêncio, porque esse sacrifica a Pátria, V.A.R. e a honra"¹³.

78

Mas também nas tarefas mais humildes e anódinas do seu sexo encontra motivo de orgulho. E é tocante ver como em algumas cartas inéditas refere ao pai as suas prendas femininas, e chega mesmo a dizer que, em caso de necessidade, ela e a irmã poderão ser cozinheiras, bordadoras ou costureiras, dando provas, uma vez mais, da força anímica que lhe tempera o carácter.

Porém as luzes e a cultura do espírito são, como repetidas vezes explicita, o seu ideal de beleza interior e de perfeição. As leituras, as lições de francês, italiano e latim, os exercícios de tradução dos clássicos, as composições poéticas, o canto, a conversação e, naturalmente, a actividade epistolar são o ritual diário desse aperfeiçoamento. Só muito raramente assoma nas cartas o lado frívolo da rapariga, o que faz da pitoresca carta que escreve ao pai por altura dos anos da irmã uma peça singular: "Ontem foi dia dos anos de Mme Tancrede e fizemos a noça feita como nos foi possível. Logo que amanheceu nos levantámos todas mais alegres do costume encontrámo-nos festejámo-nos beijámo-nos falámos em V.Ex^a e em Tancrede, e no mano. A mana foi para o coro, eu para o toucador. Tinha um vestido novo cor de laranja num espartilho bem feito. Umas cornetas muito bonitas tudo feito pela minha mão, excepto uns adornos de fitas feitos pela mana. Penteei-me muito bem e concertei-me sem excesso mas de modo que o espelho me não deixasse mal comigo, como efeito a miserável filosofia lá perde um tanto ou quanto, quando os topes¹⁴ nos ficam bem ao parecer"¹⁵. E conclui com uma reflexão irónica sobre a própria *coquetterie*: "Eu não sei como chame a um acto do nosso entendimento feminino, que à vista de uma imagem menos feia, tem a habilidade de pôr a alma toda na corneta no espartilho nos laços, etc."

No tocante à aprendizagem do mundo, a experiência amargurada da clausura dita-lhe páginas incisivas de crítica à vida conventual. É, antes de mais, a devassa inerente à

existência em comum que a incomoda: no dia em que lhe roubaram uma epístola acabada de compor e que lhe parecia do melhor que tinha escrito, enfurece-se dizendo que "estar em um convento é o mesmo que viver no meio da rua"¹⁶. Mas não é só a falta de privacidade que lhe torna o convívio penoso. É também a arrogância com que as "freiras esdrúxulas e impertinentes"¹⁷, fazendo-se eco da vontade dos governantes, tratam a sua família. Numa extensa carta em que relata ao pai a entrevista que teve com o Arcebispo, desmentindo o depoimento calunioso das freiras sobre o comportamento das Alornas e pedindo-lhe que interceda pela sua transferência para Almeirim, comenta que "lá, responderíamos nós de nós, e aqui trezentas e trinta pessoas, cada uma se encarregava de interpretar as nossas acções e de as avaliar, segundo os seus falsos princípios, malevolência e ignorância"¹⁸. Nesta carta diz Alcipe ter feito ao prelado uma reveladora descrição da vida conventual. "Dei ao Arcebispo uma tragicomédia"¹⁹, conclui ela, sempre ciente dos modelos literários e ciosa da forma do seu discurso.

Contudo, a animosidade de Alcipe contra o "sistema freirático" não se deve apenas à circunstância biográfica da clausura. É sobretudo em nome da razão esclarecida que reage contra a inépcia dos frades que invocam a autoridade de Santo Agostinho em matéria de cometas ou que, ao arrepio do que todos os "filósofos" modernos assentam, ainda acreditam que o sol se move em torno da terra. A este respeito, é particularmente sugestiva uma carta inédita em que D. Leonor descreve o confessor da mãe, aliás bom homem, nos seguintes termos: "(...) Chama à Poesia ciência de pagãos à matemática ciência de loucos à música meios de estabelecer nova religião enfim prognostica que daqui a dez anos seguramente haverá alguma seita ou uma total transtornação do Cristianismo"²⁰. Conta ao pai, em pormenor e de forma mordente, as discussões que teve com tão pertinaz interlocutor sobre matérias científicas, e conclui desta maneira pouco ortodoxa: "V. Ex^a é meu Pai tem mais ciência que os frades e tem-me mais amor para desejar o meu verdadeiro bem prouvera a Deus que me pudesse confessar escusava-me o trabalho de aturar estes piedosos preocupados ignorantes e fanát... este nome é proibido"²¹. Noutros retratos igualmente incisivos, D. Leonor dá largas à veia satírica e não acautela o comedimento da adjectivação, como na carta em que, com a maior das semcerimónias, refere o Principal Botelho como "um dos entes mais indigestos que cobre o sol"²².

Não admira, pois, que se refugie nas leituras e no convívio com os filósofos, que lhe trazem para dentro das grades um mundo bem diferente. Está a par da cultura poética do seu tempo, e interessa-se pelas ciências naturais e pela História universal. Lê com entusiasmo os enciclopedistas, e defende contra o pai o próprio Voltaire, que o velho D. João de Portugal achava que devia ser queimado. Mas um dia descobre que o autor francês alude no *Précis du Siècle de Louis XV* ao suplício de Malagrida, um jesuíta do círculo dos Távoras, que proclamara que o terramoto de Lisboa de 1755 fora castigo divino e que profetizava novas desgraças para a governação de Pombal. Chocada com o comentário sarcástico de Voltaire sobre o proselitismo do jesuíta, nem assim D. Leonor dá a mão à palmatória, e declara que gostaria de poder argumentar cara a cara com o maior autor do século, se ele ainda fosse vivo, para defender a honra da sua família.

As cartas que Alcipe escreve ao pai, na sua destinação única configurada por um nome e por um rosto apenas adivinhado, parecem assim cumprir o princípio postal de vencer o afastamento e de reunir dois seres. Mas não é bem isso que na realidade acontece. Elas reflectem de forma pungente aquilo que Derrida chama a "tragédia da destinação"²³, esse nunca consumado desejo de chegar junto do outro. Se, com o autor de *La Carte Postale*, podemos entender a correspondência como metáfora da remessa do próprio ser ("l'envoi de l'être"), a que D. Leonor manteve com o pai durante a clausura é um caso paradigmático da impossibilidade dessa entrega. A circunstância da separação compulsiva faz com que chegar junto do destinatário seja uma tentativa diariamente recomeçada, mas sempre malograda e adiada. É essa aporia que atravessa os escritos epistolares de Chelas, e que se traduz na exasperação com que a autora se refere por vezes ao impasse da escrita. "Tomara ir, não me serve escrever", diz numa carta²⁴. E noutra não se contém: "Quando será que eu converso com V. Ex^a meu querido Pai do meu Coração!"²⁵

Por vezes recorre à fantasia para compor uma cena de reunião familiar longamente esperada: " Nada me contentava agora se não voar e entrar como um pintassilgo por essas janelas para conversar com V. Ex^{as}. Que gosto teria eu de os ver... já lá estou. Vejo V. Ex^a alegre e num cárcere quase sem luz descorado magro e com toda a impressão dos trabalhos. Será assim meu querido Pai?"²⁶.

A apóstrofe reforça, no plano retórico, a expressão injuntiva dum desejo de aproximação. Não me refiro tanto à fórmula consagrada com que D. Leonor inicia as cartas ("Meu querido

Pai e Senhor do meu coração"), mas sim a alguns momentos de interpelação espontânea e viva, como aquele que remata a passagem fantasiosa do pintassilgo.

Outros procedimentos discursivos contribuem para criar nas cartas um "efeito de intimidade": as alusões, as formulações elípticas ou crípticas, o tom de oralidade, o registo do quotidiano trivial. Mesmo assim, Alcipe teme que as suas cartas não façam chegar ao pai senão resíduos do ser que as escreve. Manda-lhe então o retrato, junto com o da irmã Maria, para que a imagem pintada supra a ausência ou remedeie o logro das palavras.

Mas todos estes estratagemas são o sinal inequívoco do tormento que aflige a nossa autora. Mais ou menos distintamente, ela tem a percepção de que nem sempre uma carta chega ao seu destino. E o drama da destinação, o medo do "poder-não-chegar" (ou a mágoa do não poder chegar) são talvez uma das impressões mais fortes que nos deixa a leitura da correspondência de Chelas da Marquesa de Alorna.

-
- ¹ Marquês de Ávila e Bolama, *A Marquessa de Alorna*, Lisboa, Imp. Manuel Lucas Torres, 1916.
 - ² Maria Amália Vaz de Carvalho, *Scenas do Século XVIII em Portugal*, Lisboa, Sociedade Editora, s/d.
 - ³ Marquesa de Alorna, *Inéditos. Cartas e Outros Escritos*, selecção, prefácio e notas do Prof. Hermâni Cidade, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1941.
 - ⁴ Maria Emília de Andrade e Sá Donas Botto, *A Marquesa de Alorna. Subsídios para o Estudo da sua Personalidade com Cartas Inéditas*, dissert. de licenciatura, Instituto de estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1945.
 - ⁵ André Rocha, *A Epistolografia em Portugal*, Lisboa, 2ª ed., Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
 - ⁶ Marquesa de Alorna, *op. cit.*, p. 9.
 - ⁷ Maria Emília Donas Botto, *op. cit.*, p. 146.
 - ⁸ Carta inédita do Palácio Fronteira.
 - ⁹ Maria Emília Donas Botto, *op. cit.*, p. 202.
 - ¹⁰ Carta inédita do Palácio Fronteira.
 - ¹¹ Maria Emília Donas Botto, *op. cit.*, p. 120.
 - ¹² *Ibid.*, pp. 162-4.
 - ¹³ Marquesa de Alorna, *op. cit.*, p. 126.
 - ¹⁴ Laços no toucador ou no chapéu.
 - ¹⁵ Carta inédita do Palácio Fronteira.
 - ¹⁶ Maria Emília Donas Botto, *op. cit.*, p. 115.
 - ¹⁷ Marquesa de Alorna, *op. cit.*, p. 54.
 - ¹⁸ Maria Emília Donas Botto, *op. cit.*, p. 199.
 - ¹⁹ *Ibid.*, p. 197.
 - ²⁰ Carta inédita do Palácio Fronteira.
 - ²¹ Idem.
 - ²² Maria Emília Donas Botto, *op. cit.*, p. 120.
 - ²³ Jacques Derrida, *La Carte Postale*, Paris, Flammarion, 1980, p. 27.
 - ²⁴ Maria Emília Donas Botto, *op. cit.*, p. 152.
 - ²⁵ Carta inédita do Palácio Fronteira.
 - ²⁶ Carta inédita do Palácio Fronteira.